



COM QUAL DAS(OS) BONECAS(OS) EU BRINCO? POSSÍVEIS ATRAVESSAMENTOS RACIAIS E DE GÊNERO NO BRINCAR ESPONTÂNEO NO CONTEXTO ESCOLAR¹

Eixo Temático 19 - INFÂNCIAS, GÊNERO E SEXUALIDADES: RESISTÊNCIAS
POSSÍVEIS EM TEMPOS DE RETROCESSOS.

Júlia Terena de Souza Lima Dias ²

RESUMO

O brincar espontâneo e os brinquedos são essenciais para o desenvolvimento infantil, tanto dentro quanto fora da escola. A pesquisa, com base na Teoria Histórico-Cultural e demais campos teóricos, investigou como crianças de 4 a 5 anos, negras e brancas, reagem a brinquedos que representam diversidade racial e de gênero. Utilizou-se uma abordagem qualitativa, empírica e observacional, focada nas interações durante o brincar livre. Os resultados indicaram que, devido ao acesso a discussões sobre raça e gênero no contexto escolar, as crianças não apresentaram discriminação ou predileção ao escolher brinquedos, brincadeiras ou pares, demonstrando capacidade de ressignificar essas questões.

Palavras-chave: brincar, brinquedo, raça, gênero, escola.

INTRODUÇÃO

Ao abordar as temáticas de raça e gênero na infância, é possível observar como as crianças constroem esses conceitos de forma interseccional, por meio de um olhar contextualizado. Essa construção tem como ponto de partida a principal ocupação do desenvolvimento na idade pré-escolar: o fenômeno do brincar e a relação com o brinquedo. A escola — um dos contextos centrais da infância e espaço de diversidade — somada a brincadeira, podem se configurar como elemento para compreender o modo como as crianças

¹A presente pesquisa foi desenvolvida como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da autora, requisito para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Bahia. O estudo foi realizado sob a orientação da Prof^a Dr^a Shiniata Menezes, que acompanhou todas as etapas do trabalho e manifesta sua ciência e concordância quanto à autoria e à apresentação dos resultados aqui expostos;

² Atual mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana na Bahia (PPGE-UEFS), jterena0@gmail.com.



elaboram as compreensões identitárias, políticas e culturais, uma vez que estão imersas na cultura (Elkonin, 2009).

Rasmussen (2004) aponta a importância de observar o brincar infantil dentro da escola, já que este é um dos poucos espaços pensados para a criança, oferecendo um tipo de brincadeira relativamente livre de interferências adultocêntricas. Segundo Saura (2013), o brincar espontâneo proporciona maior liberdade para a criança, permitindo-lhe mais autonomia e expressão. Sob uma perspectiva materialista-histórico-dialética, esse brincar é entendido como uma atividade objetiva e humana, constituindo um importante fator no desenvolvimento psíquico infantil, sendo a principal via de reprodução e produção da realidade (Elkonin, 2009).

É com base nessas reflexões que surge o pressuposto deste estudo: fenômenos como o racismo estrutural (Almeida, 2019) atravessam a vivência e percepção das crianças, podendo ser expressos e analisados por meio de sua principal linguagem — o brincar livre espontâneo — em contextos como o escolar. Assim, a pesquisa teve como intenção investigar como as crianças lidam com a diversidade no ambiente escolar, ainda que mediadas por elementos como os brinquedos (Vigotski, 2008). A relevância do estudo reside na necessidade de discutir raça e gênero desde a infância, buscando fomentar novas pesquisas no campo do desenvolvimento humano, comprometidas em compreender como as crianças (re)produzem o que aprendem em seus contextos históricos, sociais e culturais.

Em resumo, a questão-problema que guiou a pesquisa foi: **Como as crianças brincam com bonecas(os) negras(os) e brancas(os) disponibilizadas(os) na área livre durante o recreio na escola?** O objetivo geral foi descrever as reações das crianças diante da disponibilização de brinquedos — bonecas(os) negras(os) e brancas(os) dispostos na área livre da escola durante o intervalo — que trouxessem diferentes representações raciais e de gênero. Enquanto os objetivos específicos foram: observar as reações e escolhas das crianças diante de bonecas(os) com diferentes características fenotípicas; identificar elementos histórico-socioculturais relacionados à questão racial nas brincadeiras espontâneas; e analisar as relações de gênero manifestadas durante essas interações lúdicas.



Metodologicamente, a pesquisa adotou um estudo qualitativo, de natureza exploratório-descritiva, realizado em três fases: (1) Fase Piloto; (2) Rodadas de Observação; e (3) Rodadas de Conversas Informais. As técnicas utilizadas foram Observações diretas não-participantes (Marconi e Lakatos, 2003) e Conversas Informais (Menezes, 2020), resultando em registros cursivos, realizados durante o recreio das quatro crianças participantes (duas meninas e dois meninos, fenotipicamente identificadas(os) como negras(os) e brancas(os), com idades entre 4 e 5 anos), pertencentes ao Grupo 4 da Educação Infantil, em uma escola municipal de Feira de Santana, na Bahia.

Quanto aos aspectos éticos, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UEFS, em 2022, não havendo uso de imagens dos participantes. A coleta de dados iniciou no mesmo ano e foi precedida pela apresentação e convite à escola, aos pais e às próprias crianças, mediante assinatura dos termos de consentimento (TCLE) e de assentimento (TALE).

A análise de dados foi baseada na Análise Qualitativa de Episódios (Pedrosa e Carvalho, 2005), aliada ao referencial teórico ancorado em pressupostos da Teoria Histórico-Cultural, do feminismo negro, da Sociologia da Infância e da Psicologia do Desenvolvimento. Os resultados indicaram a não predileção das crianças em relação à racialidade dos brinquedos: bonecas(os) negras(os) foram escolhidas(os) tanto quanto as(os) brancas(os). Contudo, no tocante ao gênero, observou-se predileção: meninos interagiram principalmente com bonecos e meninas com bonecas. Além disso, as crianças organizaram-se em grupos separados por gênero — e não por raça — embora houvesse momentos de brincadeiras coletivas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa, obtidos por meio de registros cursivos e da Análise de Episódios (Pedrosa e Carvalho, 2005), revelaram aspectos significativos do brincar livre e espontâneo no contexto escolar. As interações, falas e o uso dos brinquedos indicaram a ausência de discriminação racial entre as crianças observadas, que integraram as bonecas e os



bonecos de diferentes tonalidades de pele em suas brincadeiras. No entanto, emergiram padrões relacionados ao gênero: as meninas priorizaram brincadeiras de cuidado com bonecas — as chamadas brincadeiras de "mãe e filha", conhecidas como jogos de papéis (Elkonin, 2009) —, enquanto os meninos optaram, predominantemente, por brincadeiras mais turbulentas (Moraes, 2001), associadas a ações agitadas, utilizando os bonecos em simulações de luta.

No tocante às interações entre pares, constatou-se que não houve predileções com base na raça; as interações mantiveram-se amplas, considerando apenas o fator gênero. Os chamados Grupos de Brincadeira (GB), conforme assinala Menezes (2020), caracterizam-se por uma organização política e autônoma entre os pares na decisão, organização e deliberação das brincadeiras. Esses grupos mostraram-se bastante fluidos, compostos por crianças participantes e não participantes, negras e brancas, que interagiram intensivamente entre si na realização de diferentes atividades lúdicas. Por outro lado, mesmo sem predileção quanto à questão racial, ficou evidente que a organização política das crianças se baseou no fator gênero: era comum observar as meninas interagindo mais com outras meninas e os meninos, com outros meninos.

Esses dados sugerem que, embora a dimensão racial tenha sido tratada com naturalidade pelas crianças, questões de gênero ainda se mostraram presentes nas práticas lúdicas. A análise também evidenciou a influência do trabalho pedagógico realizado pela escola desde 2021, por meio de ateliês formativos voltados à temática racial (Santos, 2021). Tais iniciativas demonstram a elaboração significativa das crianças em relação à questão racial, indicando a importância de abordagens educativas intencionais desde os anos iniciais, e reafirmando a relevância de tratar simultaneamente questões de raça — bem como outras categorias, como gênero — no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo evidencia, como dado central, a relação significativa entre a criança e o brinquedo, especialmente quando há ausência de interferência adulta. Destaca-se, ainda, a



importância dos marcos histórico-culturais no desenvolvimento de crianças na faixa etária dos quatro anos, sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural. A pesquisa reforça que, nessa fase, as crianças não apenas estão imersas no contexto sociocultural, mas também são capazes de reproduzir, ressignificar e criar elementos culturais próprios. Tais criações refletem sentidos atribuídos individual e coletivamente, revelando que as crianças participam ativamente da produção cultural e simbólica de seus grupos de convivência.

Durante todo o estudo, as relações de gênero e raça se entrelaçaram, o que torna a interseccionalidade uma teoria relevante para a pesquisa. Diferentemente das questões de gênero, a racialidade não se apresentou como um fator culturalmente conflitante para as crianças, seja na relação com os brinquedos ou nas interações entre pares e professores — um dado que, embora contradiga parte da literatura (Gomes e Araújo, 2023), é extremamente positivo, pois sugere que o ambiente escolar e/ou familiar tem promovido uma educação racializada, ainda que essa formação precise avançar.

Os dados analisados indicam que as crianças demonstram sensibilidade às construções culturais relacionadas à raça e ao gênero. Nesse sentido, torna-se fundamental a inserção dessas temáticas nos processos formativos e educativos desde a primeira infância. Para tanto, é essencial o comprometimento integrado entre escola, família e sociedade na formação de sujeitos críticos, capazes de enfrentar as opressões e de promover uma cultura de inclusão, equidade e diversidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen Produção Editorial, 2019.

ELKONIN, Daniil Borisovich. *Psicologia do jogo*. 2. ed. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de. *Infâncias negras: Vivências e lutas por uma vida justa*. Editora Vozes, 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.



MENEZES, Shiniata Alvaia de. *Interações criança-criança em um pátio escolar: a constituição do grupo de brincadeira como lugar político*. 2020. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia, 2020.

MORAES, Adão de Souza. *Análise estrutural e funcional da brincadeira de criança em idade pré-escolar*. 2001. Tese (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2001.

PEDROSA, Maria Isabel; CARVALHO, Ana Maria Almeida. Análise qualitativa de episódios de interação: uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 18, p. 432-442, 2005. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/prc/a/LNcRGJTJtmmdgrFwMrtwcjs/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2023.

RASMUSSEN, Kim. Places for children – Children’s places. *Childhood*, v. 11, p. 155-173, 2004.

SANTOS, Sandy. *Pelas lentes da pedagogia decolonial: contribuições para a educação das relações étnico-raciais na educação infantil*. 2021. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual de Feira de Santana, 2021.

SAURA, Soraia Chung. O imaginário do lazer e do lúdico anunciado em práticas espontâneas do corpo brincante. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 28, p. 163-175, 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbefe/a/KT3JS89J3dKdcB5wrmsrj7f/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 8 out. 2023.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais*, v. 8, n. 1, p. 23-36, 2008. Disponível em:

<https://atividart.files.wordpress.com/2016/05/a-brincadeira-e-seu-papel-no-desenvolvimento-psiquico-da-crianc3a7a.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2023.